EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA em REVISTA

ISSN 2594-4827
Volume 10 / Número 1 / Ano 2026 – p. 73-87
DOI: https://doi.org/10.36524/profept.v10i1.1945

FÚTBOL CALLEJERO NO IFMT - *CAMPUS* PRIMAVERA DO LESTE: DA TEORIA À PRÁTICA

FÚTBOL CALLEJERO AT IFMT – PRIMAVERA DO LESTE CAMPUS: FROM THEORY TO PRACTICE

[1]Claudionor Nunes Cavalheiro
[2]Matheus Camilotti de Aguiar
[3]Derli Juliano Neuenfeldt

[1]Instituto Federal de Mato Grosso. E-mail: claudionor.cavalheiro@ifmt.edu.br*, ORCID: 0000-0003-2695-0103
[2]Instituto Federal de Mato Grosso. E-mail: aguiatheus2000@hotmail.com.
[3]Universidade Vale do Taquari. E-mail: derlijul@univates.br, ORCID: 0000-0002-1875-7226

Artigo submetido em 10/11/2022, aceito em 26/08/2026 e publicado em 25/09/2026.

Resumo: O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no Instituto Federal de Mato Grosso – *Campus* Primavera do Leste sobre a prática do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física. Estudos de Rossini *et al.* (2012); Silva Gutierrez, Dotto e Allet (2016); Belmonte e Souza Junior (2017); Castro (2018); Belmonte (2019) e Moraes (2020) indicam que o *fútbol callejero* desencadeia processos educativos em quem o pratica. Com o intuito de verificar se esse conceito se aplica no *Campus* Primavera do Leste, a pesquisa foi desenvolvida procurando responder o seguinte questionamento: quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral numa escola profissionalizante? A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, utilizou-se de observação e registro das aulas em diários de campo, bem como da gravação das rodas de conversa. Ela foi realizada em cinco encontros, com uma turma do 2º Ano do curso de Eletromecânica integrado ao Ensino Médio, no 1º bimestre de 2022. Ao término, verificou-se que a prática contribui para o desenvolvimento da coletividade, valorizando atitudes de cooperação e respeito, fomentando processos educativos que não fragmentam o ser humano entre corpo e intelecto, tendo como ênfase do jogo a possibilidade de se jogar com o outro e não contra o outro. Para 93% dos alunos entrevistados, trabalhar os pilares do *fútbol callejero*, que são: respeito, companheirismo e solidariedade nas aulas de Educação Física foram essenciais para a formação escolar e humana.

Palavras-chave: Metodologia *Callejera;* Formação Humana; Educação Integral; Ensino.

Abstract: This article presents the findings of a study conducted at the Federal Institute of Mato Grosso - Primavera do Leste Campus, on the practice of *fútbol callejero* in Physical Education classes. Studies by Rossini et. al. (2012); Silva Gutierrez, Dotto and Allet (2016); Belmonte and Souza Junior, (2017); Castro (2018); Belmonte (2019) and Moraes (2020) indicate that fútbol callejero promotes important educational processes among those who practice it. To investigate whether these contributions could also be observed at the Primavera do Leste Campus, this

study sought to answer the following research question: What are the contributions of *fútbol callejero* to integral human development in a vocational school? This qualitative study employed observation and field notes, as well as recording of group discussions. The intervention was carried out over five meetings with a second-year class of the Electromechanics Technical Course integrated with high school during the first academic term of 2022. The findings indicate that practice contributed to the development of collective values by fostering attitudes of cooperation and respect and promoting educational processes that do not fragment the human being into body and intellect. The experience also emphasized the importance of "playing with others rather than against others". Furthermore, 93% of the participating students considered the pillars of *fútbol callejero* - respect, companionship and solidarity – to be essential for their school and human development.

Keywords: Callejera Methodology; Human Development; Integral Education; Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O esporte ao longo do tempo se tornou um fenômeno de grandes proporções sociais, ganhando espaço principalmente no âmbito escolar. Por longa data, e se estendendo em muitos casos, até os dias de hoje, as aulas de Educação Física passaram a utilizar e serem utilizadas pelas práticas esportivizadas, com enfoque em conteúdos conceituais e procedimentais, deixando em segundo plano as questões de ordem atitudinal. Educação Física Escolar é muito mais do que isso. González e Fensterseifer (2010) apontam que a Educação Física está incumbida de oportunizar o acesso a outras possibilidades de movimentos, distintas daquelas com as quais os estudantes já possuem contato ao longo de sua existência, por meio da cultura na qual estão inseridos, e ressaltam que muitas das experiências vivenciadas pelos estudantes não se constituem, necessariamente, em experiências formativas capazes de ampliar suas possibilidades de compreensão e atuação no mundo.

Não se trata de negar a importância do esporte ou de defender sua ausência nas aulas de Educação Física, pois esporte é uma prática corporal importante e necessária, que merece ser aprendida e vivenciada na escola. Trata-se de ressignificá-lo, apresentando-o como um conhecimento para a vida, pensando nos jovens que frequentam o Ensino Médio atualmente, com suas diferenças e singularidades, buscando no ensino uma formação humana integral.

No caso específico da Educação Física Escolar, um mesmo conteúdo pode desenvolver competências antagônicas dependendo do direcionamento dado à atividade. Galatti (2006) faz este alerta, conforme observa-se no fragmento abaixo:

> [...] da mesma forma que o esporte pode ser ensinado à luz de uma pedagogia que prime pelo ser humano melhor, que busca superar limites, que reconheça suas imperfeições, que se preocupa com a ética e fraternidade, o esporte também pode ser palco para a formação de homens egoístas, antiéticos, que pautam a sua vida em valores individuais, sem preocupar-se em engrandecer-se moralmente e socialmente. (GALATTI, 2006, p. 37-38).

Nos Institutos Federais essa realidade não é diferente, tendo como tendência pedagógica principal a prática esportiva predominante afirma Souza Filho:

> O perfil construído ao longo da existência dos Institutos revela a tendência esportiva sem contextualização crítica com a própria história, com os valores culturais, políticos, econômicos e educacionais que permeiam o esporte como

> construção cultural humana e como conteúdo da Educação Física. (SOUZA FILHO, 2014, p. 60).

A prática dos esportes não deve ser compreendida apenas como uma reprodução mecânica de movimentos sem reflexão crítica, tendo em vista que a alienação dificulta o desenvolvimento da autonomia e da emancipação humana (FREIRE, 2013; KUNZ, 2006). Nessa perspectiva, torna-se imprescindível atribuir sentido às práticas corporais, criando e recriando situações de diálogo, interação e problematização, capazes de promover a formação humana integral dos estudantes, contemplando não apenas os saberes conceituais e procedimentais, mas, principalmente, os saberes atitudinais.

Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 27-28) afirmam que "o conhecimento e a prática esportiva podem favorecer a experiência de nos tornarmos mais humanos segundo uma dimensão simbólica de competição na qual estão presentes valores morais", e retratam que a função social do esporte deve permitir que o aluno de Ensino Médio tenha consciência de que o esporte tem em sua estrutura o sentido da competição, que deve ser vivenciada por meio de valores éticos e morais.

Corroborando com essa concepção, Moreira, Pereira e Lopes (2009) consideram que propiciar ações para que os alunos adquiram autonomia e os possibilitem serem agentes críticos e transformadores de sua realidade é um processo de construção conjunta, que surtirá efeitos se houver essa construção baseada em fundamentos teóricos e práticos que permitam compreender a relevância e amplitude das manifestações da cultura de movimento.

Como ressalta Kunz (2006, p. 25), "[...] o esporte não é necessariamente educativo, é preciso uma intervenção pedagógica intencional para que assuma essa função". Isso significa que, por si só, essa manifestação não desenvolve nos seus praticantes valores bons ou ruins, dependendo do sentido atribuído à vivência. Parlebas (1987) ressalta que o esporte é o que se fizer dele, dependendo de onde, como, porque e para que ele é realizado. Se promovido por meio da competição e rivalidade, pode suscitar comportamentos agressivos, porém, amparado pela cooperação, pode acarretar atitudes respeitosas e generosas.

Para tanto, Freire (2015, p. 39), aponta que "a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer". O autor critica o que corriqueiramente acontece nos ambientes escolares e que ele define como concepção bancária de educação:

> O educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2013, p. 80-81).

Nesse contexto, têm-se observado que as aulas esportivizadas padronizam os movimentos e gestos esportivos, não oportunizando a reflexão sobre a ação. Os alunos recebem as informações e as reproduzem, quando seria possível e viável um ensino focado na dialogicidade. Coffani e Gomes (2020), por sua vez, retratam que a hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física torna-se um problema pedagógico se a prática deste se esgotar em si mesma. Para Morin *et al.* (2004), o ensino deve ser uma missão de transmissão de estratégias para a vida, fazendo a transposição de um princípio determinista e mecanicista para um princípio dialógico complexo.

De acordo com Zabala (1998) é preciso romper com o ensino transmissivo, sendo necessário ter em mente que o processo de ensino e de aprendizagem não envolve apenas conceitos, mas também procedimentos e atitudes que devem ser inter-relacionadamente

inseridos nesse processo, considerando que os conteúdos atitudinais englobam conceitos regidos por normas, moral e valores.

> A prática da educação física na escola caracteriza-se como um componente curricular permeado pelos **saberes** de diferentes dimensões do conhecimento, pelos **valores** presentes no mundo que envolve o esporte e pelas **atitudes** expressas pelos atores que fazem parte do universo esportivo. (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012, p. 66, grifo nosso).

Nista-Piccolo e Moreira (2012) ressaltam que todo processo educativo deve proporcionar autonomia aos alunos, em especial no Ensino Médio. É neste momento que far-se-ão suas escolhas para o ser humano e para o futuro profissional, e dependerá de sua capacidade de agir, criar, tomar decisões e melhor conviver com os outros e com o mundo. Para os autores, quando jogamos, faz-se possível identificar o que somos e o que pretendemos ser.

Por fim, e não menos importante, Coffani e Gomes (2020) destacam ser necessário que a Educação Física tenha sagacidade para romper com a rotina da disciplina, promovendo assim uma releitura da cultura escolar, dando novas significações aos jovens alunos que frequentam o Ensino Médio, propondo a problematização de concepções de corpo que influenciam e determinam práticas sociais excludentes e alienantes. Para os autores, é possível uma reinvenção do esporte, com a intenção de agregar significações às práticas corporais.

Especialistas apontam que atividades pedagógicas que propiciam aos alunos a aquisição de autonomia e a possibilidade de tornarem-se agentes críticos contribuem para o processo de formação humana integral, conforme preconiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCNEM. Nessa perspectiva, quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral na Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *Campus* Primavera do Leste?

O *fútbol callejero* é uma prática de educação popular que surgiu na Argentina, em meados de 2001, em uma periferia empobrecida de Buenos Aires. Desde sua origem, apresenta como objetivo central a busca por proporcionar aos/as seus/suas praticantes a aquisição da cultura do diálogo para a resolução de conflitos e para que tenham protagonismo na luta por seus direitos e interesses, afirmam os autores. (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017).

> Anunciamos nossa tese de que o *fútbol callejero* (nascido e criado na Argentina – sul geográfico e metafórico) se configurou como uma motricidade *Callejera*, emergente e compondo as Epistemologias do Sul, com a potência de estar sendo um projeto trans-moderno e intercultural de intervenção educativa e uma frente de luta que atua articuladamente contra o capitalismo, o patriarcado e o colonialismo. (BELMONTE, 2019, p. 186).

No que diz respeito à metodologia, o *fútbol callejero* propõe regras que o torna diferente do futebol convencional, sendo que uma partida se divide em três tempos. No primeiro tempo, as equipes estabelecem as regras do jogo em conjunto e de maneira consensual. No segundo tempo se joga a partida. E no terceiro tempo todos(as) os(as) jogadores(as) dialogam sobre o desenvolvimento do jogo e se houve respeito às regras acordadas mutuamente. Durante os três tempos o(a) mediador(a) participa facilitando o diálogo e a interação entre as equipes afirma (ROSSINI *et al.,* 2012).

O desenvolvimento do jogo ocorre sem a participação de um árbitro/juiz, sendo este substituído por um(a) mediador(a). Todas as decisões são tomadas pelos jogadores e jogadoras que disputam uma partida. O(a) mediador(a), conforme o nome sugere, tem a função de mediar

os diálogos auxiliando os praticantes a chegarem, coletivamente, a acordos e consensos acerca do resultado final de uma partida afirmam os autores. (BELMONTE; SOUZA JUNIOR, 2017).

A aposta na potencialidade educativa do *fútbol callejero* reside no processo de autogestão do jogo. Estudos como os de Souza Junior, Belmonte e Martins (2015) indicam que o ensino do esporte nessa perspectiva favorece condutas coletivas e de aceitação das diferenças, oportunizando a todos os envolvidos revelarem se as expectativas do jogo foram atendidas.

O conceito de metodologia *callejera* é mais recente, originando-se do *fútbol callejero*. Para Castro (2018, p. 13-14), que designou o método de ensino dos esportes oriundo do *fútbol callejero*, "a metodologia *callejera* consiste na adaptação do esporte a fim de alcançar objetivos sociais, transformação individual e coletiva". Moraes (2020, p. 22) entende como sendo a "realização de jogos em três tempos com o objetivo de potencializar as vivências na dimensão atitudinal dos saberes, visto que os/as alunos/as são estimulados/as a pensar nas regras do jogo para que ele seja inclusivo, justificar o propósito dessas ideias sugeridas, defendê-las e colocá-las em prática".

Ambos concordam que no desenvolvimento da metodologia é estimulado o protagonismo dos/as participantes na elaboração de regras, no jogo e no debate mediado para a averiguação do placar final, considerando os comportamentos dos/as participantes em relação aos pilares do *fútbol callejero*, que são: respeito, companheirismo e solidariedade.

O respeito é avaliado a partir do cumprimento às regras estipuladas e à relação pacífica com o outro, seja do time que é integrante ou da outra equipe. O companheirismo é ligado à participação, avaliando se todos tiveram chances igualitárias de jogar. A solidariedade diz respeito às ações realizadas de modo generoso pelos jogadores, sendo cortês com a outra equipe.

Considerando a esportivização das aulas de Educação Física, bem como a ressonância de nossas experiências como professores do componente curricular para os jovens alunos do Ensino Médio, observamos a desmotivação, resistência e desinteresse por parte significativa dos alunos ao se trabalhar conteúdos esportivos que quase sempre são uma repetição mecânica de práticas já realizadas no Ensino Fundamental e que não apresentam características próprias e inovadoras que os desafiem a um novo aprendizado.

Estudos de Rossini *et al.* (2012); Belmonte e Souza Junior (2017); Castro (2018); Belmonte (2019) e Moraes (2020) indicam que o *fútbol callejero* desencadeia processos educativos em quem o pratica. Com o intuito de verificar se esse conceito se aplica no *Campus* Primavera do Leste, a pesquisa foi desenvolvida procurando responder ao questionamento: quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral numa escola profissionalizante?

Sendo assim, os resultados apresentados neste artigo poderão contribuir para subsidiar a reflexão de professores sobre algumas das implicações do trabalho docente e do currículo para experiências e situações capazes de provocar e movimentar saberes e sentidos, permitindo pensar a Educação Física como constituída e constituinte, vibrante, potente, inerente à contemporaneidade e à reconfiguração das práticas escolares.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, ou seja, uma pesquisa-ação com observação e registro das aulas em diários de campo, bem como a gravação do processo de mediação que aconteceu no 3º tempo do *fútbol callejero*. Utilizamos como instrumento para coleta de dados duas avaliações diagnósticas relacionadas ao *fútbol callejero*: uma pré-projeto e outra pós-projeto, com questões abertas e fechadas.

Betti (2009) considera a pesquisa-ação a melhor alternativa para articular o projeto de Educação Física Escolar, intitulado pelo autor como a apropriação crítica da cultura corporal de

movimento com a meta da ciência que é produzir conhecimento no confronto com o mundo. O autor enfatiza o potencial formativo da pesquisa-ação na Educação Física Escolar enquanto possibilidade de reflexão sobre a prática, sendo necessária a busca por concepções inovadoras de pesquisa.

Segundo Ibiapina (2008, p. 90), a observação "[...] é um procedimento metodológico que valoriza a participação, colaboração e reflexão crítica, conquanto princípios formativos". A observação das aulas, realizada *in loco*, registrada em diários de campo tem como finalidade subsidiar o pesquisador na análise dos dados sobre os eventos ocorridos durante as intervenções. Conforme Bodgan e Biklen (1994, p. 150), diário de campo "[...] é o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflexão sobre os dados de um estudo qualitativo".

A pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Mato Grosso - *Campus* Primavera do Leste, com uma turma composta por vinte e oito alunos do 2º Ano do Ensino Médio do curso técnico em Eletromecânica, integrado ao Ensino Médio. Foram utilizadas dez aulas de Educação Física Escolar no 1º bimestre letivo de 2022. As aulas têm periodicidade semanal, com dois encontros de 50 minutos cada, sendo ambas no mesmo dia da semana, seguidamente.

Como as aulas acontecem seguidamente, foram cinco encontros, tendo as atividades dispostas da seguinte maneira: 1º encontro: avaliação pré-projeto sobre os pilares do *fútbol callejero* (antes inclusive da apresentação do *fútbol callejero* e suas particularidades), visando captar o que os/as alunos/as entendiam sobre: respeito, solidariedade e companheirismo; 2º ao 4º encontro: prática do *fútbol callejero*, vivenciando as três fases do jogo; 5º encontro: avaliação pós-projeto sobre as percepções que os/as alunos/as tiveram dos pilares após vivenciarem a prática do *fútbol callejero*.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal de Mato Grosso (CEP-IFMT), conforme CAAE nº 54138921.6.0000.8055, Parecer nº 5.233.542. Como primeira ação, seguindo os trâmites legais para pesquisas desenvolvidas com seres humanos, os pais e/ou responsáveis pelos/as alunos/as da turma que participou do projeto foram consultados formalmente e deram o aceite através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e seus filhos, por serem todos menores de idade, também se manifestaram favoráveis através do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). A Instituição de Ensino já havia se manifestado favorável quando da submissão do projeto junto ao CEP-IFMT.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA SOBRE O *FÚTBOL CALLEJERO*

Com a aprovação do projeto de pesquisa intitulado "*Fútbol Callejero* no IFMT - *Campus* Primavera do Leste: da teoria à prática", era chegado o momento de "colocarmos em jogo" as ações em busca de respostas que desvelassem, ou não, os processos educativos oriundos dessa prática.

Firmado os termos entre Instituição, professores e alunos, antes mesmo do primeiro encontro formal para o desenvolvimento do projeto, muitos alunos questionavam sobre o que se tratava esse tal "*fútbol callejero"*. Alguns pesquisaram a tradução da palavra e chegaram à conclusão de que "provavelmente jogaremos futebol na rua, talvez estilo aqueles de golzinho", já que a tradução pode ser "futebol rueiro ou futebol de rua". Ledo engano, mas deixamos que pensassem que essa perspectiva poderia ser a correta.

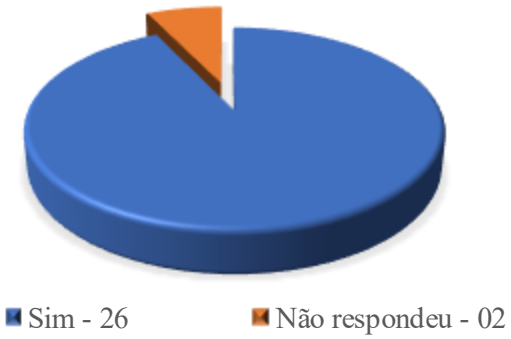
No primeiro encontro do projeto - sempre desenvolvido no horário das aulas de Educação Física – realizamos uma avaliação diagnóstica, com três perguntas abertas questionando qual a definição que os alunos tinham para: respeito, companheirismo e

solidariedade, que são os três pilares do *fútbol callejero*. Por fim, se consideravam que trabalhar esses pilares nas aulas de Educação Física era essencial para a formação escolar e pessoal, levando em consideração que a missão institucional do IFMT é: "Educar para a vida e para o trabalho".

Importante salientar que nas avaliações não foi solicitado que os/as alunos/as colocassem seus nomes, para não os inibirem com respostas "certas ou erradas". Isso, inclusive, foi citado por vários alunos: "ainda bem que meu nome não aparece, pois é muito difícil colocar no papel o que pensamos sobre esses pilares".

Os dados coletados apontam que os alunos consideram que trabalhar os pilares do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física são essenciais para a formação escolar e humana, levando em consideração que a missão do IFMT é: Educar para a vida e para o trabalho, conforme aponta o gráfico 1:

Gráfico 1: Percepção dos alunos sobre a importância de se trabalhar os pilares fundantes do *fútbol callejero* nas aulas de Educação Física



Fonte: Dos autores (2022).

Ao serem provocados sobre as definições críticas dos respectivos pilares (respeito, companheirismo e solidariedade), os alunos se espalharam pela quadra de esportes, e isoladamente, escreveram suas definições. Algumas respostas chamaram mais a atenção dos pesquisadores, as quais serão relatadas abaixo. Conforme citado, as avaliações não foram nominadas para evitar constrangimento entre os pesquisados.

Após a avaliação diagnóstica ter sido respondida, foi apresentado o *fútbol callejero* e suas definições/perspectivas para os alunos, inclusive tirando as dúvidas sobre como seriam realizadas as atividades e que a tradução literal das palavras *fútbol callejero* não seriam as ideais. Traduzir para o português poderia incluir nessa atividade tantas outras formas de se jogar futebol de rua que não contemplam os pilares da metodologia. Portanto, foram instruídos de que o *fútbol callejero* não se traduziria, e sim, vivenciaria.

Durante a explanação do conteúdo do projeto percebemos conversas paralelas, ofensas entre os alunos e xingamentos, apelidos e principalmente desinteresse. Por parte das meninas, algumas demonstraram insatisfação em jogar com os meninos, pois sempre eram colocadas de lado nas atividades esportivas, enquanto outras já manifestaram interesse e gostaram da ideia de poderem, enfim, jogar futsal.

A conversa entre os mais "habilidosos na modalidade futsal" era uma só: "se valer panelinha, já tenho meu time feito, aí é só colocar uma menina no meio e está pronto." Para evitar essas "panelinhas", todos os jogos eram definidos pelo quesito sorte: em dupla, utilizavam o jogo jokempô (pedra, papel e tesoura) para decidir quem iria para a equipe A ou B. Por mais que quisessem se agrupar, sempre um ou outro estava na equipe contrária.

Quadro 1 – Definição dada pelos/as alunos/as sobre os pilares do *fútbol callejero*

Pilar respeito	"Respeito é respeitar as decisões, escolhas e espaço dos colegas, mesmo que talvez você não concorde com tais." "É um ato de entender que existem outras opiniões além da sua, e assim, respeitar as atitudes de terceiros." "Aceitar as dificuldades do colega e assim ajudá-lo a melhorar." "A maneira que você trata as pessoas com igualdade e como você gostaria que te tratassem."
Pilar companheirismo	"Companheirismo, para mim, é estar ao lado dos colegas, independente das suas escolhas e ajudá-lo no que for preciso." "É trabalhar em equipes, com seus colegas." "É necessário ter companheirismo no futebol, pois você não joga contra o seu colega, mas sim com o seu colega."
Pilar solidariedade	"É você ser aquele que ajuda de alguma forma o próximo." "É você se colocar no lugar das pessoas, ajudar sempre que for necessário." "É ajudar o próximo quando este está com algum problema, até mesmo nas coisas mais simples."

Fonte: Dos autores (2022).

3.2 A PRÁTICA DO *FÚTBOL CALLEJERO*

No 2º, 3º e 4º encontros trabalhamos o futsal na parte inicial da aula, com aquecimento e exercícios relacionados a manejo de bola, condução, passe e finalização em gol, sempre primando pela inclusão de todos e todas nas atividades. Na metade final, realizamos o *fútbol callejero*. Importante frisar que o jogo requer que as equipes sejam mistas, incluindo assim as meninas que geralmente são deixadas de lado nos jogos de futebol/futsal.

Como relatado anteriormente, o jogo se desenvolve em três tempos, a saber: 1º tempo – criação das regras do jogo; 2º tempo – bola rolando; e 3º tempo – discussão para definição se o que foi discutido no 1º tempo colocou-se em prática no 2º tempo, definindo-se assim, qual equipe saiu vitoriosa no jogo. É importante esclarecer que nem sempre a equipe que faz mais gols no 2º tempo é a equipe vencedora.

Cada um dos pilares (respeito, companheirismo e solidariedade) valem pontos, que são somados à quantidade de gols feitos pela equipe. Essa pontuação sempre foi discutida em cada um dos encontros, com reformulação da pontuação em todos eles. Na primeira vez que jogaram, cada gol valia um ponto, assim como cada um dos pilares. Na discussão chegaram a um consenso que teriam que reformular essa regra, pois o mais importante no *fútbol callejero* era incluir os colegas, e não marcar mais gols.

As regras eram discutidas e, em consenso, acatadas por todos os participantes. Caso houvesse alguma objeção, o proponente defenderia a ideia com o intuito de conseguir a aprovação. A pontuação dos três pilares, em todos os encontros, ficou valendo um ponto para cada pilar.

> Desde o começo, "a metodologia" [do *fútbol callejero*] faz de seus participantes protagonistas, abrindo um espaço em que não jogam somente chutando uma bola, mas também propondo as regras do jogo e debatendo sobre seu resultado. Diferentemente do que ocorre no futebol convencional (e fazendo uma ponderação mais abrangente, diferentemente do que geralmente ocorre nas ações sociais pensadas para os jovens), o *fútbol callejero* é impensável sem a existência de participantes ativos, que transcendam o lugar de meros "jogadores" [e jogadoras]. (ROSSINI *et al*., 2012: 114 -115).

Ao analisar os apontamentos feitos nos diários de campo, observamos que foram várias as regras criadas, sempre tentando resolver algum problema oriundo do encontro anterior. Como dito, no 1º jogo, cada gol valia um ponto. Já no 2º jogo, a equipe que fizesse mais gols teria direito a marcar um ponto, diminuindo assim a possibilidade de uma equipe com superioridade em gols não precisar respeitar os pilares do jogo.

Outra regra criada e depois modificada: gol de menina valeria dois pontos, para valorizar a pontuação delas. Na discussão do 3º tempo, chegaram à conclusão que buscar a igualdade de acesso e condições de jogo não era primordial nessa regra, pois tratava de forma diferente os que estavam no mesmo jogo. O aspecto mais significativo dessa discussão foi o fato de a questão ter sido levantada por uma das alunas, que se sentiu inferiorizada e menosprezada, como se elas não tivessem "a capacidade de fazer gols sem a ajuda dos meninos".

Em contrapartida, algumas regras criadas no 1º jogo mantiveram-se até o fim, como: não poderia fazer falta grave que sua equipe perderia pontos; sempre que uma das equipes reivindicasse uma falta, a outra equipe pararia o jogo; não se poderia proferir palavras de baixo calão, ofensas ou xingamentos entre as equipes; a cada gol feito, se toda a equipe comemorasse junto, este dobraria de valor (todos os membros da equipe deveriam se reunir a promover um abraço em conjunto para pontuarem).

No 3º jogo, os alunos propuseram uma regra que obrigava os participantes a dividirem as tarefas de marcação e ataque da seguinte forma: cada equipe, composta por onze alunos, deveria se dividir em: um goleiro, cinco alunos que estariam responsáveis pela meia quadra de defesa e outros cinco alunos que estariam responsáveis pelo ataque, na meia quadra ofensiva. Assim, por um tempo definido, cada parte da equipe teria obrigações distintas: uns de fazer o gol, outros de evitar o gol. Após esse tempo, houve a troca de funções entre quem estava no ataque iria para a defesa e vice-versa.

Essa ação proposta pelos alunos reformulou a maneira que estavam acostumados a jogar, pois antes jogavam a quadra toda e neste formato teriam que "balancear melhor suas forças e fraquezas". Não poderiam ficar só defendendo, tampouco só atacando. Na roda de discussão, no 3º tempo, houve muitos relatos que esse formato foi o mais desafiador de todos, inclusive com proposições para jogos futuros com outras "separações" na disposição da quadra: criar diagonais livres onde pudessem jogar, dividir a quadra em três partes verticais e não mais duas horizontais, e outras propostas. Observou-se que os discentes se sentiram instigados a resolverem problemas na prática.

De acordo com Silva Gutierrez, Dotto e Allet (2016):

> Em um mundo de normas prontas e condutas normalizadas, onde a necessidade de reflexão, de argumentação e de assumir responsabilidades está perdendo espaço, percebe-se que essa metodologia institui um espaço construtivo de diálogo que desenvolve a capacidade crítica, a reflexão, a confiança e a construção coletiva. (SILVA GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 19).

Uma questão que chamou a atenção dos pesquisadores foi a de que a cada jogo executado o tempo destinado à mediação (3º tempo) se tornava maior e com diversas

contribuições. A discussão sobre o jogo e suas regras, cumpridas ou não, se avolumou. Em nosso 3º e último jogo esse fato foi percebido também pelos alunos, que consideraram que as discussões estavam mais aprofundadas, com o intuito de encontrarem soluções para problemas que antes não visualizavam no jogo. Antes, era "rola a bola professor". Ao final passou a ser "que regras vamos implantar para resolver nossos problemas no jogo?"

Os registros nos diários de campo evidenciam tanto situações relacionadas às tentativas de resolução de problemas quanto desafios e comportamentos que ainda precisavam ser discutidos e ressignificados pelos participantes. Descreveremos algumas falas. É importante frisar que os nomes dos alunos nos diários de campo foram alterados para pseudônimos escolhidos por eles mesmos, com o intuito de preservar a identidade do participante.

> "Quando o chapolim torceu o pé durante o jogo, eu o ajudei a sair da quadra, porém o restante da equipe não prestou ajuda ou mostrou companheirismo/solidariedade para com ele. Isso não pode acontecer." (Aluna X)
> "A jogadora risadinha levou uma bolada no rosto. O jogo foi paralisado, mas sem prestação de socorro de ninguém. Pouco tempo após o ocorrido, ela se retirou da quadra e o jogo continuou, como se nada tivesse acontecido." (CHAPOLIM)
> "Ainda estamos percebendo muitos empurrões e alguns xingamentos no jogo. Já combinamos que isso não pode acontecer." (DCT)
> "A bola saiu do jogo e ninguém apitou nada." (DCT) "Nesse jogo não tem árbitro, nós é que devemos decidir sem precisar de outro decidindo pela gente." (LIPINHO)

O 3º tempo do *fútbol callejero*, quando acontece a mediação, é o momento que afloram as questões polêmicas do jogo. Debater se uma equipe foi ou não respeitosa, companheira e/ou solidária, isso com a mediação dos colegas, não é tarefa fácil. As interrupções nas falas diminuíram consideravelmente da 1ª para a 3ª rodada de discussão, mostrando que entenderam que é preciso haver um momento de escuta do colega. Todos têm o momento de fala, mas também de escuta.

Para Silva Gutierrez, Dotto e Allet (2016):

> Esses espaços de diálogo são fundamentais quando buscamos entender o porquê do Futebol *Callejero* ser uma ferramenta com enorme potencial para o desenvolvimento da cidadania democrática. Em todas as etapas da metodologia do Futebol Callejero se fomenta o diálogo como meio de superação de conflitos e se estimulam as trocas, fazendo de seus participantes protagonistas tanto do jogo quanto das deliberações. O Futebol de rua **[sic]** se constitui assim em um espaço muito mais rico do que simplesmente jogar bola, torna-se também uma oportunidade para acordar regras, debater e construir consensos acerca de desempenhos e resultados. (SILVA GUTIERREZ; DOTTO; ALLET, 2016, p. 28).

Em cada um dos três jogos foram revezados os mediadores, que são responsáveis por fazer as anotações das regras discutidas e acordadas no 1º tempo e as ações ocorridas no jogo – 2º tempo. Após, no 3º tempo, estes mediadores, como o próprio nome diz, fazem a mediação entre as duas equipes sobre os pontos que cada uma terá direito.

Primeiramente a pontuação dos gols, conforme regra preestabelecida, depois sobre o pilar respeito (decidido sempre em consenso), se houve respeito entre todos os participantes. No pilar companheirismo a decisão é interna, cada equipe define se merecem o ponto do quesito ou não, e por fim, na solidariedade é uma equipe quem avalia a outra, somando-se assim a pontuação e definindo o grupo vitorioso no jogo.

Os mediadores vivenciaram um papel diferente do que estavam acostumados nas aulas de Educação Física. A eles era atribuído o papel de apaziguador dos ânimos exaltados, das falas mais rudes, da urbanidade que deveriam ter entre si. Vivenciaram a importância da impessoalidade, da justiça, do olhar sistêmico para com o jogo. Era uma posição disputada

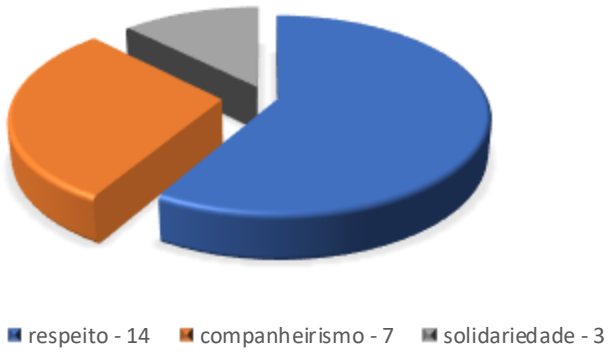
sempre que o jogo começava, com vários alunos e alunas querendo ocupar esse espaço, que é desafiador. Nesse aspecto, encontramos uma grande potencialidade de atingir os objetivos da missão do IFMT: "Educar para a vida e para o trabalho."

3.3 OS RESULTADOS EMERGENTES

No 5º e último encontro do projeto realizamos a avaliação final com os participantes, etapa que responderam um questionário com perguntas abertas e fechadas. Posteriormente realizamos uma roda final de discussão sobre os pontos vivenciados e abrimos um diálogo para que todos e todas pudessem deixar seu depoimento sobre a vivência/experiência com o *fútbol callejero* e suas potencialidades e fraquezas.

Como resposta a primeira questão, do tipo fechada, foram questionados: "Dos três pilares do *fútbol callejero*, qual você considera o mais essencial para a sua formação?" Conforme gráfico 2:

Gráfico 2: Dos três pilares do *fútbol* callejero, qual você considera o mais essencial para a sua formação humana?



Fonte: Dos autores (2022).

Observou-se que para 58% dos alunos que participaram da pesquisa o pilar respeito é o mais essencial para a formação humana. As regras discutidas e aplicadas em todos os encontros corroboram com essa informação: sem faltas graves, sem xingamentos ou ofensas, entre outras. Ao considerarem o pilar respeito como o mais essencial, relatam que:

> "Sem ele o jogo seria caótico e chato de se jogar."
> "Porque jogar sem ter respeito deixa o ambiente de jogo muito tóxico."
> "Porque houve mais respeito durante o *fútbol callejero*, o que no futsal normal não tinha."
> "Pois o respeito, na minha opinião nos leva aos outros dois pilares. Ele faz com que todos do time analisem seus atos antes e até mesmo depois do jogo."

Percebe-se, nos relatos dos alunos e alunas, a intencionalidade de "jogar com seu colega e não contra". O jogo, nessa perspectiva, passou a ser mais interessante e ter uma finalidade além do "jogar bola". A discussões emergentes nos encontros os levaram à problematização e à busca da resolução dos problemas advindos da prática esportiva entre pessoas que tinham a mesma intencionalidade: jogar futsal.

A busca da superação da lógica competitiva e excludente presente na escola em seus conteúdos esportivos deve considerar a necessidade de ultrapassar as imposições do mundo esportivo-competitivo. Nessa perspectiva, a modalidade esportiva a ser praticada pouco

interfere, sendo mais importante o processo advindo da discussão coletiva e a busca por uma prática inclusiva.

A prática do *fútbol callejero* exigiu dos participantes demandas antes não vivenciadas. Para iniciarem o jogo era necessário, primeiramente, construírem, em conjunto, as regras que vivenciariam logo em seguida. Essa decisão do que iriam ou não vivenciar seria cobrada posteriormente nos momentos de mediação, com o intuito de que todos e todas tivessem a intencionalidade de seguir as regras criadas em consenso, sem intervenção externa, sem padrões pré-estabelecidos.

Esse processo educativo de criação das regras a serem seguidas nem sempre ocorre sem embates. É nesses momentos que o saber ouvir e buscar subsídios para fundamentar o que se quer colocar como regra torna-se primordial. Divergências podem sim ser um caminho para encontrar a solução, sempre com respeito. E nesse processo de diálogo, escutar é tão importante quanto falar.

Entre os participantes do projeto, 29% relataram que o pilar companheirismo é o mais essencial para a formação humana, conforme observado nos relatos:

> "Porque foi como trabalhar em equipe. No jogo a falta de companheirismo te fazia perder." No trabalho, a falta pode transformar o ambiente bom em ruim e o resultado do produto não ser o esperado."
> "Foi pela questão do cuidado um com o outro, da parceria."
> "As meninas conseguiram ser incluídas nos jogos, e os colegas foram companheiros em ajudá-las."
> "Em minha opinião, o companheirismo foi o que se destacou, pois tiveram várias situações interessantes sobre esse pilar."

As situações vivenciadas na prática pedagógica lhes permitiram pensar além do jogo e a estar atentos às possibilidades de relacionar as ações vivenciadas nas aulas de Educação Física com a vivência de trabalho em equipe na formação acadêmica. Além disso, permitiram que pudessem analisar sistemicamente, fazendo com que o jogo não se esgotasse em si mesmo, com a possibilidade de ser um caminho para discussão de ações advindas da prática com reflexão para ações posteriores ao jogo.

Por fim, e não menos importante, para 13% dos alunos o pilar solidariedade foi o mais importante.

> "A solidariedade foi o mais importante, pois incluiu os dois times e englobou a todos os alunos no jogo, aumentando assim a humanidade no esporte."
> "Me ensinou a conversar com meus colegas. Foi o pilar mais justo e importante para minha formação."

Com a potencialidade de ser mais que uma atividade física, essa práxis educativa instiga os praticantes à possibilidade de autonomia em práticas corporais, tendo na dialogicidade o ponto de convergência para uma convivência pacífica no jogo. Com efeito, destaca-se que:

> (...) além **do que** aprendemos (jogos; brincadeiras; respeito para com o outro, independentemente do gênero, da idade, da etnia, da condição social, da situação profissional, da cultura...) igualmente importante foi o **como** aprendemos (nos humanizamos): em experiências concretas, em vivências significativas, em reciprocidade. (GONÇALVES JUNIOR, SANTOS, 2006, p.13 – grifo dos autores).

Os participantes quando questionados se após os encontros do *fútbol callejero*, com a realização dos jogos e discussões ocorridas na mediação (3º tempo), tinham mudado suas percepções em relação ao convívio social, responderam que:

> "Eu percebi que da 1ª mediação para a última, teve um desenvolvimento muito bom, pois na 1ª ninguém respeitava a vez do outro falar, já na última sim. E escutar sempre é importante."
> "Após a experiência com o *fútbol callejero*, é perceptivo que os esportes podem ser menos agressivos, levando em consideração os três pilares."
> "Notei um amadurecimento de forma coletiva, não apenas nas discussões, mas também dentro de quadra (no jogo), onde vimos a necessidade de fazerem-se cumprir as regras e a maneira de controle do jogo."
> "Que devemos pensar mais uns nos outros e deixarmos o egoísmo de lado, pois com isso a vida fica muito melhor."
> "A mediação para mim foi uma das partes mais incríveis de todo o projeto. Estabelecer o que cada equipe foi ou não capaz de fazer. Foi umas das experiências mais diferenciadas que tive na escola."

Baseado nos relatos proferidos por alunos e alunas que vivenciaram a prática do *fútbol callejero* no Instituto Federal de Mato Grosso – Primavera do Leste, tem-se a convicção de que essa prática educativa possibilita a potencialidade de fomentar ações que possam corroborar com a formação humana integral. E, para os atores participantes da pesquisa, conforme observado no último relato na roda de conversa final, o projeto pedagógico deveria ter tido mais tempo para o desenvolvimento de outras ações, com outros jogos e modalidades. A pesquisa permitiu observar que além de os alunos aprenderem uma nova possibilidade de vivenciar o jogo, também desenvolveram novos olhares críticos sobre as habilidades relacionadas aos pilares educativos que compõe o jogo, como respeito, companheirismo e solidariedade. Assim, a semente foi lançada e observou-se que o campo de conhecimento é fértil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, respondendo aos questionamentos iniciais que suscitaram quais são as contribuições do *fútbol callejero* para a formação humana integral na Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *Campus* Primavera do Leste, destacamos que a prática pedagógica contribuiu para o desenvolvimento da coletividade, valorizando atitudes de cooperação e respeito.

Observou-se que a prática do *fútbol callejero* desencadeou processos educativos que não fragmentam o ser humano entre corpo e intelecto. Os aspectos afetivo, cognitivo, social e físico estiveram, a todo momento, no centro da atividade e os alunos participantes buscaram o aperfeiçoamento humano, trabalhando as forças e fraquezas.

Foi latente, principalmente nos momentos de mediação, a importância dos processos educativos decorrentes de trocas de saberes e experiências, focando nas possibilidades de se "jogar com o outro e não contra o outro." A partir dessa dialogicidade anunciada por Freire (2015), foram realizadas discussões com o objetivo de desenvolver atividades que contemplassem a todos e todas.

Por exemplo, houve discussões relacionadas à inclusão das meninas no jogo com adaptações das regras, com a intencionalidade de trazê-las efetivamente para prática, e em alguns momentos, como possibilidades de pontuarem através dos gols nas partidas de futsal. Nas discussões e contrapontos levantados pelas meninas durante o jogo, percebeu-se que elas não se sentiram à vontade em ter mais vantagens que os meninos. Elas se sentiram capazes de realizar as atividades, sem necessitar de subterfúgios para o êxito.

Não podemos finalizar o trabalho sem considerar as dificuldades e potencialidades encontradas no decorrer da pesquisa por parte dos pesquisadores. Sair da zona de conforto nas salas de aula é algo desafiador para o docente e para os alunos e alunas. As intervenções e indagações a cada encontro demonstraram que era preciso melhorar a elaboração do jogo com ações cada vez mais aprofundadas, o que demanda estudo, perspicácia e *feeling* para estar à frente de possíveis necessidades.

Cumprir e fazer cumprir os pilares do *fútbol callejero* com alunos do Ensino Médio profissionalizante, que já vivenciaram outras metodologias de ensino, em diferentes escolas, com diferentes saberes e competências, faz com que tenhamos que persistir para que os estudantes busquem um novo olhar sobre determinado conteúdo vivenciado, assim, instigando-os a serem receptivos e desafiados, valorizando saberes e experiências na construção da autonomia.

Por fim, encerramos a escrita desse artigo com a sensação de que a execução do projeto foi satisfatória, porém, com potencialidade de ser aprofundado em outras turmas e diferentes cursos/modalidades de ensino. Os dados alcançados nos remetem à necessidade de novas pesquisas, com o intuito de progredir nos resultados e possibilidades que a metodologia do *fútbol callejero* proporciona. Portanto, para esse primeiro desafio o "jogo terminou", "o tempo de debate está aberto" e a equipe se prepara para a "próxima partida".

REFERÊNCIAS

BELMONTE, Maurício Mendes. **Fútbol callejero:** processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 524f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, Maurício Mendes; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Fútbol callejero: da sua historicidade à potencialidade para o ser mais. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: Ecomotricidade e Bem Viver / Colloquium on Qualitative Research in Human Motricity: Ecomotricity and Good Living / Coloquio de Investigación Cualitativa em Motricidad Humana: Ecomotricidad y Buenvivir, 7., 2017, Aracaju; São Cristóvão. **Anais... / Annals... / Anales...**São Carlos: SPQMH, 2017. p. 553-559.

BETTI, Mauro. **Educação física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Unijuí, 2009.

BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari Knopp. Notas de campo. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p.150-175.

CASTRO, Lígia Estronioli. **A construção de valores orientada pela metodologia Callejera na educação física escolar.** 2018. 133f. Dissertação (Mestrado Profissional). Faculdade de Ciências de Bauru. Universidade Estadual Paulista, 2018.

COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva; GOMES, Cleomar Ferreira. Reflexões, proposições e diálogos com as juventudes: dinâmica pedagógica e curricular da Educação Física no ensino médio. **Motrivivência.** (Florianópolis), v. 32, n. 61, p. 01-23, janeiro/março, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 51 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GALATTI, Larissa Rafaela. **Pedagogia do Esporte:** o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. 2006. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus Oliveira. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO -PUCPR -PRAXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais...**Curitiba: PUCPR, 2006. p. 1543 –1555.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o "não mais" e o "ainda não": pensando saídas do não lugar da educação física escolar II. **Cadernos de Formação RBCE.** p. 10-21, mar. 2010.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livro, 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didática – pedagógica do esporte.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. 7. ed. 160 p.

MORAES, Fábio de. **Educação física escolar e a contribuição da metodologia Callejera nos conhecimentos atitudinais.** 2020. 193f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov; LOPES, Tomires Campos. Desafios e propostas para a educação física no ensino médio. In: MOREIRA, E. C.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **O quê e como ensinar educação física na escola.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2009, p. 177 – 197.

MORIN, Edgar; *et al.* **Educar para a era planetária:** o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humanos. Lisboa: Instituto Piaget, 2004. (Coleção Horizontes Pedagógicos).

NISTA-PICCOLO, Vilma Lení; MOREIRA, Wagner Wey. **Esporte para a vida no ensino médio.** São Paulo: Editora Cortez, 2012.

PARLEBAS, Pierre. ***Perspectivas para una educacion fisica moderna.*** Andalucia, Unisport Andalucia, 1987

ROSSINI, Luciano; *et al.* ***Fútbol Callejero:*** *juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina.* Buenos Aires: FUDE, 2012.

SILVA GUTIERREZ, Claudio Augusto; DOTTO, Augusto; ALLET, Andressa. **Futebol *Callejero*, juventude e cidadania.** Lúdica Pedagógica, 2016, nº 23, p. 19-29.

SOUZA FILHO, Moysés de. **Territorialidades pedagógicas para a educação física no ensino médio integrado:** uma perspectiva pós-crítica. 2014. 234f. Tese Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2014.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; BELMONTE, Maurício Mendes; MARTINS, Mariana Zuaneti. *Fútbol callejero:* desafios e potencialidades de uma metodologia para a educação popular. In: Anais... IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e

XV Simpósio Paulista de Educação Física, 2015, Rio Claro-SP. Suplemento - **Motriz,** 2015. v. 21. p. S228-S228.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.